



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do bloco B do campus da UFABC**

Santo André-SP, 29 de agosto de 2008

Meu caro companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Companheiro Vicentinho, deputado federal,

Meu caro Avamileno, prefeito de Santo André,

Meu caro companheiro José de Filippi Júnior, prefeito de Diadema,

Meu companheiro Elói Pietá, prefeito de Guarulhos,

Meu caro companheiro professor Luizinho, a quem nós devemos muito por esta universidade existir aqui, hoje, em Santo André,

Meus companheiros deputados estaduais, deputadas,

Meu caro companheiro magnífico reitor Adalberto Fazzio – chique e magnífico, não é?

Meus caros alunos e alunas da Universidade Federal do ABC,

Vou tirar o paletó, porque assim o pessoal pensará que sou estudante também.

Meus companheiros professores, professoras, funcionários e funcionárias,

Jornalistas – mesmo os que escreveram ontem que nós estávamos inaugurando uma obra inacabada.

Fico feliz porque estamos inaugurando o bloco B da Universidade Federal do ABC, um sonho da região – porque esta região pagou o preço de ser a região mais desenvolvida do País nos últimos 40 anos e, por conta disso, as coisas não vinham para cá. Aqui não tinha o Hospital das Clínicas, não tinha



universidade federal, dando a impressão de que a gente pagava o preço por ser de uma região mais rica, que tinha a classe operária mais bem-remunerada do Brasil. Parece que a gente era castigado por isso.

Estou muito feliz por estar inaugurando este bloco. Muito mais feliz por ouvir do ministro Fernando Haddad e do reitor Adalberto que esta universidade, dentro de pouco tempo, estará entre as cem melhores universidades do mundo. Hoje, a USP está em 115º lugar na classificação. Nós estamos dizendo que esta aqui estará entre as cem melhores do mundo em pouco tempo.

Vocês podem mandar um telegrama para o pai e para a mãe de vocês, e dizer: “nós estamos estudando numa universidade que será uma das melhores do mundo dentro de pouco tempo”. Por quê? Porque estamos fazendo uma universidade e tentando utilizar nesta universidade o que há de mais moderno no mundo. Estamos tentando colocar esta universidade para ser, efetivamente, muito aparelhada. Que nenhum professor sinta saudade de ter trabalhado na USP, na Unicamp, que sinta aqui o seguinte: condições de trabalho impecáveis. É isso que queremos para esta universidade.

Mais gratificante ainda é saber que é no meu mandato, como presidente da República, que a gente pode dizer: não apenas Santo André vai ter universidade, mas vai ter extensão em São Bernardo do Campo, já tem em Diadema, em Guarulhos, em Osasco, em Santos... Se Deus quiser, vamos fazer uma extensão em Mauá, porque Mauá é uma cidade grande e é preciso que a gente cuide para deixar todas as cidades importantes com um braço universitário, para que as pessoas não tenham que se deslocar, às vezes, 40 minutos ou uma hora de carro. Vamos cuidar disso com muito carinho.

O importante, Arlindo, e gratificante para mim é que já tomei uma decisão na minha vida. Quando eu deixar o meu mandato, cada um dos meus ministros terá que ir ao cartório no dia 30 de dezembro e vamos protocolar, registrar em cartório, cada coisa que cada ministro fez, por uma simples razão: sou um corpo estranho na República brasileira. Não estava previsto nos livros



de sociologia, pelo menos até outro dia, que um torneiro mecânico de São Bernardo poderia chegar à Presidência da República, não estava previsto, não estava escrito. A grande inquietação dos preconceituosos contra mim era dizer que não tenho diploma universitário e, portanto, se eu não tenho diploma universitário, como é que eu queria ser presidente da República? Possivelmente, é o fato de não ter diploma universitário que me faz ter a preocupação que quem já tem o seu diploma e governou este país não teve.

Quero criar as oportunidades que eu não tive para a juventude brasileira e para os meus filhos. Se cada presidente da República tivesse cumprido com a sua tarefa, criando as universidades federais de que o Brasil precisa, não teríamos no estado mais rico da Federação 82% dos estudantes universitários estudando em escolas privadas. Nós teríamos, pelo menos, a metade em escolas públicas. Nós não teríamos, no Nordeste, 65% dos estudantes universitários estudando em escolas privadas, uma maioria que estaria na pública.

Por que isso aconteceu? Porque houve um pensamento predominante neste país que dizia que o mercado resolvia tudo. O mercado pode resolver algumas coisas, mas o Estado é imprescindível para manter os princípios da justiça, da igualdade e da oportunidade para todos. Se não é o Estado, isso não acontece. Por que estamos fazendo isso e por que eu disse que vou para o cartório? É porque, a partir do meu governo, qualquer presidente que entrar vai receber da minha mão todos os documentos registrados em cartório, primeiro para que cada ministro me conte absolutamente a verdade, porque ninguém pode registrar uma mentira no cartório. Chega da grilagem de terra no País, que é registrada sem o cara ser dono.

Por que quero isso? Porque a partir do dia 1º de janeiro de 2011, quando outro estiver na Presidência, o que vai acontecer? Ele vai pegar e dizer: “espera aí, gente, não posso mais parar de cuidar da educação. Por que como é que pode um metalúrgico, que não tem diploma universitário, fazer dez



universidades novas, mais uma latino-americana, mais uma afro-brasileira e 88 extensões universitárias espalhadas pelo território nacional?” No mínimo, por orgulho, ele vai dizer: “eu tenho que fazer mais”. Deus queira que todos tenham o ego bastante ferido e digam: “eu não posso perder para o Lula, tenho que fazer no mínimo 15, tenho que criar no mínimo 100 extensões”. Aí vamos nacionalizar as oportunidades para que todas as pessoas, da mais rica à mais pobre cidade, tenham o direito de ter oportunidade de estudar em um curso universitário. Se a gente acabar com o vestibular e permitir que o Enem seja o grande teste para a nossa juventude entrar na universidade, estaremos criando mais oportunidades para a nossa juventude.

Sei o quanto fomos atacados por conta do ProUni. No início, diziam assim: “o governo está querendo fortalecer as universidades privadas”. Outros diziam: “o governo vai nivelar o ensino por baixo, colocando pobre da periferia na universidade? É um absurdo”. Quem quiser ver, veja a imprensa de dois anos atrás. Vocês verão o que era dito sobre o ProUni. Conclusão: hoje temos 385 mil jovens – mulheres e homens deste país, da periferia, todos estudantes de escolas públicas –, fazendo curso universitário e, em todas as provas, os alunos do ProUni são considerados os melhores. Pelo menos no primeiro teste feito, em quinze matérias, os alunos com as melhores notas foram os alunos do ProUni.

Por que isso aconteceu? Porque eram jovens que já tinham perdido a oportunidade de estudar, que não tinham mais esperança. Na hora em que apareceu a proposta, muito criativa, do Fernando Haddad, os jovens perceberam que poderiam voltar a estudar, agarraram-se àquela oportunidade com unhas e dentes e não vão largar. Este ano, se Deus quiser, vamos participar da formatura dos primeiros 60 mil jovens que devem se formar pelo ProUni. Vamos chegar em 2011 a 720 mil alunos no ProUni, o que é uma revolução impensada há cinco anos.



Através de outra idéia criativa do ministro Fernando Haddad... me angustiava o fato de a gente não poder criar mais linhas de crédito para financiar estudantes. Eu soube da briga de um sindicalista lá no estado do Paraná para conseguir colocar o filho na universidade, tinha carteira vazia dentro da sala de aula e os professores não queriam colocar mais gente. Alguns professores, algumas entidades – para não dizer o nome aqui – não queriam colocar mais gente. Esse sindicalista começou a fazer movimento, a ir para a porta da universidade e, um belo dia, resolveram aceitar o filho dele.

O que é o Reuni? O Reuni é para aumentar um pouco a verba para melhorar as condições nas universidades. Aumentar a média de 12 alunos por professor para 18 alunos por professor vai permitir que a gente coloque, em quatro anos, mais 400 mil jovens na universidade brasileira. No mesmo prédio, na mesma sala de aula, com o mesmo professor, vamos colocar mais 400 mil jovens na universidade. Isso significa o quê? Significa que estamos formando aquilo que a gente chama de profissionais do conhecimento.

Estamos aperfeiçoando a inteligência da sociedade brasileira porque é o que conta no trabalho de mercado hoje. É o que conta para qualificar um país na disputa comercial neste mundo globalizado. É o que conta na nossa competência para produzir produtos com cada vez mais qualidade e para o Brasil deixar de ser exportador de matéria-prima – ou commodities na agricultura, ou minério de ferro – para passar a ser exportador de produtos acabados.

Vou dar um exemplo para vocês: quando a gente exporta uma tonelada de bauxita, da qual se faz o alumínio, exporta a tonelada por 30 dólares. Quando a gente transforma a bauxita em alumina, que é o subproduto antes do alumínio, já exporta a tonelada por 500 dólares. Quando a gente produz o alumínio, exporta a tonelada por 3 mil dólares. Saímos de 30 dólares e chegamos ao fim da cadeia produtiva exportando a tonelada por 3 mil dólares. Se a gente transformar esse alumínio numa peça de carro, numa peça de



avião, a gente vai exportar não uma tonelada, mas um pacotinho de peças por 3 ou 4 mil dólares. É isso que está em disputa.

E o que aconteceu no Brasil? Eu pensei que vocês iam gritar: “é bandeirão, é bandeirão”. Vocês não gritaram, porque sabem que vamos fazer o bandeirão.

Tem um problema hoje, no Brasil, que vocês vão compreender: está faltando mão-de-obra qualificada neste país. Está faltando engenheiro, está faltando pedreiro, está faltando colocador de azulejos. Ontem eu fiz uma reunião com a construção civil, Arlindo, está faltando até “tijolinho baiano”, que é como eles chamam, na linguagem da indústria, a cerâmica vermelha; está faltando carrinho de mão no Nordeste; está faltando aquela máquina que mói cimento, que mexe o cimento; está faltando grua; está faltando cimento. Está faltando jornalista? Não está faltando jornalista.

Veja o que aconteceu, vou dizer para vocês entenderem: há exatamente 22 anos que o Brasil não fazia um alto-forno, 22 anos que o Brasil não construía um alto-forno. Não construindo alto-fornos, não se aumentava a capacidade de produção de aço do Brasil. Estamos produzindo 35 milhões de toneladas há muito tempo.

Na medida em que cresce o mercado interno, cresce o mercado da indústria naval, cresce a indústria automobilística, cresce a construção civil, o que acontece? Falta aço. E quando falta aço... Quando aparecem 20 de vocês para procurar uma casa para alugar aqui, para morar, o dono da casa fala: “Puxa vida, tem 20 pessoas procurando uma casa, vou aumentar o preço”. Se estiver com uma placa lá e, durante 20 dias, não aparecer ninguém, ele fala: “vou ter que abaixar o preço”.

A lei da oferta e da procura é que determina o preço das coisas em qualquer país do mundo. Então, na medida em que não se produz, aumenta. Nós ficamos 18 anos sem construir, no Brasil, uma fábrica de cimento. Quando a construção civil começa a crescer, como está crescendo, falta cimento.



Esta universidade... quero voltar aqui. Não sei se a construtora está aqui, estou vendo o reitor, deve ter gente da comissão aqui. Quero voltar aqui, no mais tardar... Eu faço aniversário no dia 27 de outubro do ano que vem. Eu faço este ano também, mas, no do ano que vem... eu não vou pular este ano. Quero ver se no dia 27 de outubro do ano que vem eu venho aqui para a gente inaugurar toda esta universidade, o bloco A, e que já estejam prontos o restaurante, a biblioteca, os laboratórios. E também a de São Bernardo do Campo.

É importante a gente acertar com... Porque é uma coisa absurda. Vocês viram aqui, eu ouvi do reitor o seguinte: não falta dinheiro, o dinheiro já está depositado, está no caixa. É a primeira vez na história do Brasil que se começa a contratar uma obra, o dinheiro já está garantido, e as dificuldades, às vezes, é porque falta mão-de-obra ou falta matéria-prima.

A Petrobras demorava – ela tem mais de 3 mil fornecedores – 265 dias, em média, para receber as entregas que ela contratava. Sabem quanto está demorando hoje? Quatrocentos dias. Por quê? A economia cresceu, as indústrias cada vez querem mais e não tem matéria-prima para entregar.

Por isso é que neste momento nós temos que priorizar a formação de mão-de-obra qualificada. Vou dizer para vocês: enquanto alguns, que tiveram a oportunidade de fazer um curso universitário, tratavam o dinheiro da educação como gasto e por isso não faziam, eu trato como investimento, e é o investimento de retorno mais rápido que a gente tem neste país.

No dia em que a gente estava anunciando a devolução do terreno da UNE e o financiamento da construção, assinei o projeto de lei para a gente refazer o prédio da UNE, lá no Rio de Janeiro. Anunciei que o pré-sal que descobrimos, essa nova jazida de petróleo que coloca o Brasil entre os países com maior reserva de petróleo do mundo... Podem estar certos de que é muita coisa e que a gente está bem situado. O Brasil não vai ficar exportando óleo cru, nós vamos exportar derivados de petróleo. É por isso que vamos fazer



uma refinaria de 600 mil barris/dia no Maranhão, para exportar; é por isso que vamos fazer uma de 300 mil barris em Fortaleza, para exportar; é por isso que já estamos fazendo uma no Porto de Suape, em Pernambuco, e um pólo petroquímico; vamos fazer uma em Natal.

Ao mesmo tempo, vamos pegar parte do dinheiro do pré-sal para resolver dois problemas, que são uma dívida histórica deste país. Parte desse dinheiro é para resolver o problema da dívida educacional que temos com este país, e outra parte é para resolver o problema da pobreza crônica que foi criada durante tantos e tantos séculos.

Agora, temos condições de arrumar a casa, e a casa está sendo arrumada. Fico muito feliz quando vou a uma cidade pequena do Nordeste que tem uma extensão universitária. Fico ainda mais feliz quando as pessoas me entregam uma pauta de reivindicação e a reivindicação é a seguinte: “Presidente, queremos uma escola técnica. Presidente, queremos uma extensão universitária”. Este pedido soa aos meus ouvidos como se fosse uma coisa de Deus, porque o povo começa a reivindicar aquilo que jamais deveria ter lhe faltado, a condição básica que está na nossa Constituição: o direito de estudar, porque o estudo garante que todos sejam iguais e disputem as mesmas oportunidades.

Por isso, estou feliz. Estou inaugurando a universidade inacabada do ABC, o seu bloco B, que é onde vim hoje. No ano que vem eu venho inaugurar o bloco A. O refeitório, espero que seja inaugurado antes, com um pouco de pressa aí, não é, reitor? Afinal de contas, vai ser no ex-matadouro de Santo André. Vamos fazer aí o bandejão, comida de qualidade, sem colocar salitre na comida, como as fábricas colocavam na nossa, para a gente engordar e ficar forte.

Tem um problema que foi levantado aqui, naquela portinha – viu, Fernando Haddad, prefeito – a questão da segurança em volta da universidade. É preciso anotar aí para falar com o governador, para mandar um



pouco de polícia para ajudar a tomar conta disso.

Tem uma outra coisa que vocês levantaram, além do bandeirão, que é a questão da moradia. Bom, alguns já têm o auxílio. O que aconteceu aqui foi uma novidade, eu digo, boa. Qual é a novidade boa? A cidade ganhou uma universidade, vem para cá gente de outras partes do País, sequiosas por estudar. O cidadão está com um “quarto e cozinha”, ali, paralisado, é a chance que ele tem de tentar ganhar um pouquinho mais, é a chance. Obviamente que vai ter um momento em que isso vai assentar, mas vamos tentar ver o que é possível fazer para ajudar, porque também as pessoas não podem viver só para pagar aluguel, as pessoas precisam comer, visitar a noite de Santo André, sobretudo quem veio de outras cidades, visitar São Bernardo, São Caetano, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Se sobrar um tempinho, dêem um pulo até Brasília, que terei imenso prazer em recebê-los.

Um abraço e que Deus nos abençoe.

(\$211A)